

A Presença do Outro

**Curso Livre do ICP-RJ realizado no primeiro semestre de 2009
na Seção-Rio da Escola Brasileira de Psicanálise
por Marcus André Viera.**

Transcrição e pesquisa inicial de referências: Leandro Reis

Índice

I - Alteridades

Da alteridade	
Outra alteridade	
Anti-evolucionismo freudiano	
Voz e Olhar	
Ressonâncias	

II – A voz e o Outro

Os “a”s da presença	
O objeto-voz entre eu e Outro	
O Imperador está surdo? (uma entrevista)	
Palavras	
A voz é polifônica	

III – Isso é um insulto!

Neurologia e sensorium	
Atribuição e percipiens	
Injúria e certeza	
“Porca” e atribuição subjetiva	
S1 e sujeito	
EssesUm e o grão da voz	

IV – As formas da certeza

O caso da cena imposta	
Palavras impostas, cena posta	
A extração da voz	
As formas da certeza	
A conexão da voz	
O Corpo do Analista e o DSM	

V – Entardecer

Fala, texto e significante	
Linguagem	
Passaporte para o sentido	
Alucinação e canção	
Sacrifício, assassinato e lálálíngua	
Trovão, tambor, Nietzsche e João Gilberto	

VI – Tônica e dissonante

Três interpretações	
Analista Outro... ..	
Tonal	
Modal	
A tônica equívoca	

VII – Ritmos

Texto, furo e objeto	
A sequência dos objetos	
O ritmo	
A voz afônica da onça	
A voz de Noel	
Dissonância e surpresa – outro João	

Bibliografia

Anexos

Sobre as alucinações entre os doentes mentais surdos mudos	
Forclusão: uma cena primária é imposta, por Simone Oliveira Souto (e comentários por Sérgio Laia)	
Na primeira pessoa, o estatuto da experiência alucinatória, por Guilherme Gutman	
As dissonâncias e o gênio João, por Adriano Aguiar	
Modos, Tons Diabos e outros Batuques, por Lourenço Astua	

I - Alteridades♦

Do Outro lacaniano à presença do objeto a

Da alteridade

Bem-vindos a esta série de encontros que terão por norte *A presença do Outro*. Este título é extraído da seguinte passagem de Lacan no Seminário 10:

Na análise, às vezes existe o que é anterior a tudo o que podemos elaborar ou compreender. Chamarei a isso *presença do Outro*.¹

A premissa é que a *presença do Outro* é o motor de uma análise e que essa presença, seguindo Lacan, não diz respeito a um além, mas se circunscreve pela fala e pode, pela própria fala, nos levar a novos horizontes e destinos.

Pretendo, com essa proposta, extrair algumas consequências da teoria lacaniana do objeto *a* com relação à experiência do inconsciente e ao tratamento analítico. Minha base material para esse percurso serão as indicações de Lacan que pude reunir, a partir da leitura de J.-A. Miller sobre o tema, e que ordenei no livro *Restos – uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise*. Praticamente todas as referências à teoria do objeto *a* que usaremos encontram-se nesse livro.

O vôo que vamos empreender em direção a novas terras, especialmente no que toca o objeto-voz, que será extensamente trabalhado em nossos encontros, será apoiado pelo texto de J.-A. Miller sobre o tema, *Jacques Lacan e a voz*, ainda inédito no Brasil. Remeto vocês de saída a ele para o que pudermos ousar no tocante à voz e à alucinação. Finalmente, quanto à voz na música a referência maior será o livro de José Miguel Wisnik *O som e o sentido*.²

Começamos pela noção de *alteridade* para abordar o que nosso título visa circunscrever. Partamos dela do ponto de vista freudiano e não do cotidiano, pois para Freud a alteridade não está dada. É o que se destaca quando ele fala em indiferenciação primeira entre a mãe e o bebê, que muitos traduziram por simbiose, ou mesmo quando fala em autoerotismo primário. Em poucas palavras, no começo mãe-bebê formam uma coisa só. Sendo assim, para que haja alguma alteridade será preciso fazer algo, pois mãe-bebê não são *heteros* um para o outro, e sim *autos*.

Basta ler “A negativa”³ para ver como Freud elabora um sistema bastante complicado para dar conta da instituição de algo a partir deste complexo mãe-bêbe e ao mesmo tempo relativamente fora dele. Isso porque o dentro não existe antes que se institua o fora e se o fora não está assegurado, o dentro tampouco. Tendemos a pensar que primeiro existe o dentro, que depois se conecta com o fora, mas para Freud não há um sem sua contrapartida lógica, isto é, o Outro. Para nos convenceremos disso, não é preciso evocar o transitivismo da psicose. É só lembrar das experiências que podemos ter numa noite escura em terras ermas ou uma casa desconhecida, qualquer situação extrema na fronteira do desconhecido pode nos dar a impressão de que o fora parece nos invadir. Essas experiências, em boa parte na origem das crenças em casas mal-assombradas ou em seres de outro mundo mostram que a distância e a diferença entre dentro/fora não é algo garantido de uma vez por todas.

Na variação de distância em relação ao Outro vai se constituir e sustentar o falasser, o sujeito humano. Se para ele o Outro como alteridade não é dado *a priori*, esta deverá ser conquistada. Isso significa que haverá vários modos de constituí-la, melhores e piores, estáveis e instáveis etc. Há toda uma clínica da alteridade em Freud.

De onde vem esse postulado freudiano da indiferenciação? A humanidade já teceu várias definições da relação entre eu e Outro e a de Freud não pretende ser mais uma a ser incluída no rol da antropologia ou da filosofia. Não é uma descrição do mundo, uma *weltanshaung*,

algo do que Freud se demarca explicitamente, mas um modo de pensar as coisas voltado para um “fazer” específico. É uma concepção instrumental. É preciso tomar as coisas desta maneira caso se queira trabalhar com a invenção de Freud. Apesar de se apresentar como uma afirmação sobre a humanidade, esse postulado deve ser tomado como uma ferramenta. Para ouvir alguém em análise, como Freud a concebia, é preciso assumir que há coisas que não são e não devem ser naturalmente encaixadas dentro ou fora, que há coisas que não são nem de mim, nem do Outro, ou são dos dois ao mesmo tempo e assim por diante.

Foi por isso que Lacan recorreu à topologia, pois as coisas em uma análise não se definem em um espaço métrico. Não é porque alguém morreu há muito tempo que ele estaria longe de mim. Um exemplo simples é a dúvida que podemos ter relativa ao fato de termos vivido algo ou de terem apenas nos relatado isso. Será que minha memória é de fato minha? Será que o sonho ou aquela lembrança de fato aconteceram? Será que a lembrança foi implantada pela foto que me mostraram tantas vezes desde que me conheço por gente? Esse tipo de preocupação não é a do analista. Se a psicanálise precisasse dessa diferença não seria mais psicanálise, mas um romance policial.

A alteridade do objeto

Então como se faz a estabilidade da alteridade? Digo a resposta em um curto circuito. É preciso *arrancar* algo do Outro, porque se não o fizermos tudo seria dele, prosseguiríamos sendo uma extensão da mãe. Se haverá um espaço entre a criança e ela, de início ele será algo como uma *faixa de Gaza* que não se sabe bem de quem é, mas que está ali.

Para que esse espaço se institua, um espaço transicional como diria Winnicott, é preciso que algo seja extraído, arrancado do Outro. Ele se tornará um objeto especial - nos exemplos de Winnicott que se tornaram célebres, um cobertor usado, um travesseiro sujo, um bichinho de pelúcia e por aí vai. São objetos que garantem a distância mínima que permite a alguém começar a dizer “eu” e poder importar significados do Outro, que agora virão se instalar no espaço do ego. Mesmo vindos do Outro, afinal até os mais básicos sentimentos recebemos dele, agora eles poderão ser meus.

Os meus objetos, importados do Outro, só serão meus na medida em que estes objetos especiais, que não são exatamente meus, sustentem a diferença entre o próprio e o não-próprio. Estes objetos especiais são chamados por Lacan de “a”, objetos a . Por hora, notemos que eles são, como diz Lacan, “a única garantia de alteridade do Outro”.⁴ Apesar de mediadores, eles não são um meio termo. São fragmentos do Outro mais do que coisas em si.

Nós os conhecemos. Para começar, o seio e as fezes, os primeiros a serem conhecidos na psicanálise. Seguimos a descrição de Miller.

O seio. O importante para Lacan é marcar o quanto ele só tem valor porque é “entre dois” e só entre dois porque cai da mãe. A questão não é se o seio é do bebê ou da mãe, se é ativo ou passivo, se imaginado ou não, se o bebê quer engoli-lo ou destruí-lo. O que importa é que a linha de corte passa, antes de mais nada, entre a mãe e o seio e não entre o seio e o bebê.⁵

O mesmo ocorre com as fezes. Só que aqui o Outro já é um sujeito e o objeto que cai aparece como perdido. Não importa, ele sai do eu e coloca-se no meio, cria um espaço entre o eu e essa coisa estranha que é o Outro e que, neste plano, parece lhe pedir algo. Por isso Lacan vai marcar com o objeto anal a ideia de dádiva, de dom, na cena famosa da criança que mostra seu *cocô* ao adulto. Ela será lida por Lacan longe da ideia de progresso de evolução subjetiva relativa a uma pretensa capacidade de se abrir mão de um pedaço de si. Não é exatamente um “próprio”, mas alguma coisa entre o eu e o Outro. A cena assinala que quando isso é oferecido, tomado no jogo do toma-lá-dá-cá passa a ser uma propriedade do eu.

O presente que se dá garante a estabilidade em relação à demanda do Outro. O presente é sempre uma maneira de garantir a relação e a distância, pois existem muitos presentes que

são ofertados com o intuito de afastar. Basta, por exemplo, lembrar aquele que compra para o aniversariante aquilo que se quer ter, ou compra um igual para si.⁶

Em muitas culturas observamos a seguinte sequência: primeiro a boca e depois o ânus, primeiro a alimentação e depois o controle dos esfíncteres. É claro que isso tem algo a ver com a biologia, pois a primeira coisa que se quer de um filho é que ele se alimente e depois que ele não se emporcalhe. Mas, em relação a essa aparente naturalidade de sequência dos objetos, Freud é ambíguo e Lacan é taxativo: “isso não é uma evolução”. Não se trata de uma escada biológica, mesmo se encontrada em várias culturas.

Anti-evolucionismo freudiano

As famosas etapas da libido estão mais no Outro e sua demanda que no sujeito e seus instintos naturais. No bebê não há fase, e sim na mãe. É todo um esforço de Lacan para mostrar que os objetos não se escalonam — Miller destaca isso no seminário *A angústia* onde encontramos o seguinte esquema de Lacan para situar os objetos *a*.⁷



Lacan descreve uma “constituição circular dos objetos” como uma sequência sem ascensão. Ela se completa produzindo um sujeito, mas que não o situa em algum tipo de progresso? A constituição circular traz a ideia de que, uma vez fechado o circuito, dispõem-se os objetos, quatro grandes famílias para intermediar a relação com o Outro, em vez de momentos de uma caminhada em direção à civilização e suas alturas. São quatro grandes estilos de estabilização da relação com o Outro, gramáticas pulsionais na expressão de Lacan. Cada um deles delimita um modo da vida se concentrar em áreas específicas e em um jogo próprio.

O ponto de vista lacaniano permite imaginar outras possibilidades, mesmo se até hoje essas predominaram. Poderíamos imaginar uma cultura em que a sequência não fosse essa, que começasse por outros objetos ou os combinasse de outra forma. É para esse lugar que estamos indo, dado que nossa cultura produz objetos cada vez mais estranhos. Talvez vejamos o surgimento de um objeto alimentar que não seja o oral. Se num futuro próximo todas as crianças passassem a ser, nos primeiros meses, nutridas parenteralmente, por soro diretamente no sangue, veríamos surgir um novo modo de relação com o Outro que tomaria a forma de um jogo diferente, não mais do cospe-engole, como no oral, ou do toma-lá e dá-cá, do anal. O objeto parenteral teria outra gramática.

O objeto oral foi situado a partir da histeria, o estilo anal, do controle da neurose obsessiva, mas eles não se limitam a estas formas clínicas. Para melhor entender essa gramática, poderíamos nos divertir com partilhas variadas: o objeto oral preside o campo da disputa, o anal o da negociação etc.

Ainda não falamos dos objetos que Lacan traz para a cogitação psicanalítica, mas já temos que falar do falo, que está em toda parte em Freud. Ele é um objeto um pouco diferente, pois institui a gramática do poder, por isso Lacan o coloca em cima do círculo de constituição dos objetos. Apenas nos restringindo ao três até agora vistos já podemos perceber que o falo não

tem uma gramática própria. O poder movimenta negociações e guerras destruidoras sem se confundir com esses movimentos. Ele é o objeto que se oferece como unidade de todas as gramáticas, como se com ele tudo se concentrasse em um poder único. Ao mesmo tempo, como a vida é malfeita, como a onipotência só existe como um sonho, ele tanto é o símbolo universal do poder quanto é o símbolo de um vazio. Assim como os outros, ele sustenta uma erótica própria, a erótica dessa ambiguidade entre cheio e vazio, tumescente e detumescente, nos termos de Lacan do *Seminário 10*, que permite a Freud repartir os sexos. Lacan não dará preponderância estrutural ao falo, como se ele fosse o objeto dos objetos, mas dirá que ele gera uma gramática pulsional da preponderância, o que é diferente.

A análise nos ensina como algumas gramáticas pulsionais podem ser prevalentes em diferentes momentos ou em diferentes relações. Não se trata de uma fase abandonada ou na qual se fica fixado, e sim de um ponto de vista radicalmente antievolucionista. Miller sustenta, inclusive, que foi apenas por abandonar o ponto de vista evolucionista em prol do estrutural que Lacan pôde trazer à luz o objeto olhar e o objeto voz.⁸

Se tomamos as coisas desse modo, uma análise caminha. Se somos norteados pela ideia de evolução, direcionamento ao amor genital e ao sexo ideal da cara metade, uma análise se torna normatização, “pastoral edipiana”, nos termos de Lacan. Porém o analista precisa saber que a constituição circular dos objetos não poderá ser totalmente desarticulada da ideia de progresso, pois este permeia a sessão analítica. Só que do lado do analisante e não do analista. Afinal o analisante busca a origem e espera evolução e melhora. Não podemos simplesmente lhe dizer: “Não espere nada”.⁹ Do lado do analista, é preciso saber que haverá mudança, mas que a melhora vem por acréscimo. Buscamos os desenlaces e cuidamos a seguir que eles venham para o melhor e não para o pior, mas nem sempre somos donos desse leme e é preciso viver com a ideia de que o ato analítico é meio nitroglicerina e que tem que ser conduzido com cuidado, pois pode produzir o melhor em meio a alguma pioras.

Voz e Olhar

Além disso, mesmo nos afastando da forma evolucionista de encarar essa questão, somos obrigados a considerar que na lista dos objetos há hierarquia. Agora que foi bem relativizada, ela pode ser retomada. Está representada na figura de Lacan pelo direcionamento da flecha. É como se o último objeto fosse o anal e a voz o primeiro, passando pelo olhar e o objeto oral. O falo se oferece como fora de série, objeto dos objetos, imaginariamente unificador e mínimo múltiplo comum dos outros. Ele será convocado em nossos encontros sem que tenhamos como objetivo tematizá-lo em si, dado o tanto que dele já se disse e fez. Meu intuito é avançar o que for possível com relação ao olhar, e a voz, sobretudo a voz.

Como se sabe, Lacan acrescentará na série dois objetos: o olhar e a voz. A voz tem algo de primeiríssimo, “original” no dizer de Lacan¹⁰. Já afastamos o equívoco das fases, não há fixação na fase vocal ou em qualquer outra, como se os objetos fossem naturais. Por isso devemos entender esse “original” de outra forma. A apresentação dos objetos “a”, sua aparição em análise remete a instantes memoráveis sem dentro-fora, de desinstabilidade corporal e egóica. Nesta série, o objeto voz remete às origens das origens. Por isso ele é primeiro, mas não porque seja primeiro “no real”. No real não há sequência, a vida é um mar, é o simbólico que o escalona e transforma sua experiência em um rio.

Com o objeto voz, situa-se o Outro em sua mais radical forma de presença. De fato, antes de qualquer coisa parece haver a voz. Várias experiências mostram que o bebê escuta a voz da mãe e reage a ela. Óbvio! A questão é dizermos que por esse fato, a voz seria “naturalmente” fundamental e primordial. Ora, se a criança já é gente na barriga da mãe, porque não supor algo de sujeito no feto com um mês, ou uma semana? Por que não supor, além das fases pré-edípicas, fases intrauterinas, embrionárias, e mesmo pré-vida, em outras existências e assim por diante? Rompida o laço da encarnação da subjetividade com o corpo aqui e agora no

mundo, assumido o fato de que o corpo na barriga da mãe é gente, como colocar um novo limite nas extrapolações que somos capazes de fazer?

O limite, para Lacan é a voz. Para além da voz, nada mais há a não ser o nada. A questão passa a ser o que fazer com essa presença maciça que a voz traduz, e não em ir além, ou aquém, dela. Tal como os outros objetos ela é uma “substância episódica” do real, não é o real, ou ainda nos termos de Lacan ela é um naco [*bout*] de real e é com esses nacos que uma análise trabalha sem pretender transcendê-los.

Não é a toa que Descartes em sua dúvida hiperbólica desconstrói as certezas do mundo começando justamente pelas coisas que vê. Não sei se Descartes trata da voz, mas certamente ele se apoia no visível para duvidar e não no audível. “Posso crer como esses loucos que acham que são ricos, quando na verdade estão nus”.¹¹ A base para o início da dúvida hiperbólica é a visão, depois o sonho e a loucura. A certeza psicótica da audição de vozes fica de fora. A voz, por ser, marco da origem carrega consigo uma certeza própria e por isso nos interessa.

E o olhar? Além de reagir à voz, o bebê é capturado pelo olhar. Aqui a dialética “eu e Outro” já é bem mais presente. Ele é capturado e ao mesmo tempo busca capturar. Algo do Outro se destaca dele sob a forma de um olhar que será mediador — de um lado haverá uma mãe que olha e do outro o bebê que é olhado entre os dois um olhar é desejado de ambas as partes. A mãe quer o reconhecimento do filho e o bebê busca o olhar da mãe.

Isso que está entre os dois, porém, não busca nada, não é olhar de alguém que quer ver e ser visto, é puro olhar sem corpo. Olhar do Outro antes que ele seja tomado na dialética da intersubjetividade, antes que o bebê posa se ver sendo visto, pura presença. É difícil ter uma ideia dessa distinção desdobrada por Lacan no *Seminário 11* como a “esquize” entre visão e olhar. Lacan a fornece propondo que pensemos no olhar de um cego que nos fita intensamente. Esse é o olhar como objeto. Outro exemplo: uma janela escura aberta quando se está voltando para casa, é quase impossível não se sentir sendo olhado, mesmo que não haja alguém vendo.¹²

A criança somente entrará no jogo da visão depois que essa dimensão mirabolante do olhar for destacada do Outro e tornar-se algo entre ela e o Outro. Esse algo se torna invisível, pois não tem apreensão, já que a subjetividade se funda no jogo da visão que estabelece a seguir. Nesse jogo sua mãe será um carinhoso personagem que está despossuído desse poder de olhar que não depende do que fazemos, como o olhar do cego, mas que por isso mesmo nos olhar com uma intensidade e presença enormes. É desse ponto que nos aproximamos na loucura, pois temos aí justamente um olhar separado do corpo do Outro, que vai passear como presença objetual, mais real que os olhares dos amigos e da família, um olhar definido por Lacan como “um objeto desprendido de seu suporte”.¹³

Voltando à audição intrauterina. De todo modo, ela desenha uma especificidade da voz que a acompanha em todas as suas apresentações. A voz está tanto dentro quanto fora. É uma experiência que se dá dentro e fora, sem separação. Quando ouço minha própria voz ela está dentro e fora ao mesmo tempo.¹⁴ Isso metaforiza o fato de que a experiência vocal é situada em um espaço em que mais se apresenta uma indiferenciação entre eu e Outro.

Olhar é qualquer coisa sempre exterior. O olhar tem sua gramática, uma gramática erótica que é espacial, pois o olhar é sempre externo. Na erótica escópica existem objetos internos e externos, existem planos e lugares diferentes. Somos tão agarrados ao olhar que supomos aquele que fala fora, contudo a experiência daquilo que se ouve é sempre interna também. Basta fechar os olhos que a voz ganha outra dimensão. Inclusive é preciso outros objetos para criar o espaço da voz, por isso a voz parece tão primordial. “No princípio era o verbo”.

Ressonâncias

A indiferenciação do espaço subjetivo na experiência vocal tem uma consequência de peso. A voz inclui uma passividade estrutural, que também é metaforizada na situação intra-uterina. Não é possível fugir dela. É impossível tapar os ouvidos, diz Lacan. De todos os orifícios que organizam a gramática pulsional: boca, olhos, anus, ouvido, este último não tem fechaduras naturais como as pálpebras e os esfíncteres. Claro que é possível tapar os ouvidos, mas com esse exemplo Lacan metaforiza essa passividade estrutural.

No entanto, essa passividade é bastante paradoxal. Por um lado é uma experiência menos subjetiva, no sentido de um eu ativo, mais “animal” ou “primitiva”. Por outro lado, por isso mesmo, ela é carregada de uma certeza que as outras não possuem.

Certeza porque nela quase nada fica sujeito ao ping-pong reflexivo do espelho em que nos constituímos como seres dotados de corpo e mente, seguindo a lógica do estádio do espelho de Lacan. Em vez de “será que foi isso mesmo?” segundo minha mente reflexiva, ou “será que foi realmente comigo?” diz meu corpo constituído a partir da imagem do Outro e por isso sempre meio alienada, a experiência vocal é sempre eu e Outro e por isso é sempre “foi assim”, sem discussão.

Para dar conta desse estranho paradoxo creio que Lacan destacou e valorizou o termo *ressonância*. Ele define na física o fato de que um corpo vibra com outro. Vejam esta definição colhida na Wikipédia: “Fenômeno pelo qual um corpo oscila quando o atingem vibrações produzidas por outro. Designa igualmente a tendência de um sistema a oscilar em máxima amplitude em certas frequências, conhecido como ‘frequências ressonantes’. Nessas frequências, até mesmo forças periódicas pequenas podem produzir vibrações de grande amplitude, pois o sistema armazena energia vibracional.” Os dois fatos nos interessam: a oscilação conjunta e o fato de que as intensidades não são proporcionais à força aplicada. Por hora, ficamos só com a primeira. Como uma caixa de ressonância, eu e Outro parecem se fundir, mas ao mesmo tempo a vibração inicial provém do Outro.

Tentaremos penetrar neste espaço muito particular por duas vias. A experiência musical e a da alucinação auditiva.

Os psicóticos localizam-se no mundo muitas vezes a partir de alucinações. Claro que o fazem de muitas maneiras, mas a alucinação tem um papel especial. Nossa maneira de abordá-la será como presença do Outro. Sabendo-se que o acesso a essa presença é sempre filtrado por algum mediador, ela se apresenta em seu peso real justamente quando o mediador desaparece, e então temos a angústia, o desmoronamento. Ninguém poderia dizer que sabe o que seria a presença do Outro pura.

O que caracterizará a alucinação não é o fato de o Outro falar, mas de ele invadir com sua fala. É o que chamei de indiferenciação estrutural. Lacan nomeia de várias maneiras essa invasão. Fiquemos, por hora, com a “invasão da questão da existência”, pois isso já nos coloca em plena *Questão preliminar...*, texto fundamental para a teoria lacaniana da psicose e que nos orientará no que concerne à alucinação.¹⁵ É preciso contextualizar. Nada de pensar em alguém se perguntando sobre o sentido da vida com definem as caricaturas do tratamento analítico. Lacan a descreve de tal maneira que a existência aqui é uma questão de vida ou morte. A “questão da existência” inunda o sujeito, o invade e até o dilacera por completo.

Mas resta dizer sob que formas a existência de si se articula com a presença do Outro na experiência psicótica da alucinação auditiva. É o que buscaremos fazer começando por um texto, na verdade uma apresentação de paciente, que alucina e é surdo-mudo de nascença. Temos ao mesmo tempo as considerações do psiquiatra e a história do paciente. Pretendo com isso tornar as coisas mais claras.

Como contraponto temos a música. Nosso postulado será o de que a música é um modo coletivo de disciplina da voz, de enquadre da presença do Outro, dando às ressonâncias de sua voz um destino ainda não compreensível, mas já partilhado, social.

Praticamente tudo o que direi sobre a música virá de *O Som e o sentido* onde Wisnik faz um curso de rudimentos de música e ao mesmo tempo uma história da música. Ele propõe retomar nosso registro musical de base, o tonal, e acompanhar seu nascimento, seu apogeu e sua queda, tendo, como pano de fundo, outros registros, especialmente o modal.

A tese básica é que o modo de articulação entre o som e o silêncio, entre a presença do Outro e o coletivo que nos guiou até aqui, enfim o mundo tonal, está se decompondo — na versão dos saudosistas — ou se transformando em outra coisa — na versão dos otimistas.

Caminhamos cada vez mais em direção a músicas que não terminam, mas isso não é o fim. Nesse ponto o livro de Wisnik me interessou muito. Conhecemos outros modos de coletivização que não se dão a partir de uma música que conta uma história, como a tonal. O mundo modal é um exemplo concreto disso que Wisnik explora. É um modo de fazer música que é ao mesmo tempo anterior, ancestral do tonal e o acompanha. É o que chamaríamos de música tribal.

De todo modo, seja pela tonal ou modal, podemos imaginar com a psicose situações em que não haja a possibilidade deste tratamento espontâneo da angústia da presença do Outro pela música. Nos termos de Lacan, e se a voz do Outro for uma presença tão singular que só seja audível para o sujeito? A passagem para a musicalização (metáfora que estamos usando para essa entrada mais primária no coletivo) não se dá para todo mundo. Pode ser preciso a construção de algo que faça a mediação para que se faça o gancho. É isso que os psicóticos fazem, eles constroem.

A presença radical do Outro, com a qual lida o psicótico, está antes da música, pois esta faz parte de uma ressonância coletivizada. Nesse sentido, a música é uma salvação por dar às ressonâncias corporais da voz do Outro um sentido social. A música é uma forma genial de fazer todo mundo se sentir igual.

Por que falar de coisas tão primordiais e complexas? Porque é para onde muitas aponta uma análise. Quando uma análise anda, mexe-se com coisas muito difíceis de falar. Elas vibram em você. Mas como falar disso? Em alguma hora será realizado que não dá. É possível nomear, escrever, mas não contar, fazer alguém entender, partilhar daquela experiência no que ela encerra sua singularidade. Se dentro do campo vocal nos dirigimos para parte mais básica, chegamos a algo que chamamos de ressonância, e aí quase saímos da linguagem articulada. Quase! Não encontramos alguém dizendo “Eu vou... eu penso”, mas frequentemente pedaços de palavras. Será a hora de dizer ao analista: “Eu já sei o que é e como você não poderá entender, porque não é possível, vou embora”. Não é à toa que muitos relatos de passe falam da voz.

Não deixaremos de tentarmos pensar a partir da experiência com a voz na psicose, o destino dado à presença vocal do Outro em uma análise. Precisamos ter cuidado, pois certamente não é o psicótico nosso guia, no entanto há algo em sua relação bruta com a voz que, como fala Freud, ensina sobre o inconsciente a céu aberto.

Por isso começaremos com a presença do Outro na alucinação a partir de uma entrevista muito especial que chamarei o caso do Imperador (cf. anexo).

* Primeiro Seminário, realizado no dia 12 de março de 2009. Transcrição e pesquisa inicial de referências por Leandro Reis.

¹ Lacan, J. *O Seminário livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: JZE, 2005. Pag. 31.

² Miller, J. A. “Jacques Lacan et La voix”, *Quarto, revue de l’ECF-ACF em Belgique*, n. 54, junho de 1994, pp. 47-52 (uma tradução para fins deste trabalho encontra-se anexo), Wisnik, J. M. S. *O som e o sentido - uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Vieira, M. A. *Restos - uma introdução ao objeto lacaniano da psicanálise*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2008.

³ Freud, S. (1925). A negativa. *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 Vol. XIX.

⁴ Lacan, J. 2005, p. 36.

⁵ Cf. no mesmo sentido, por exemplo, as considerações de Lacan sobre a placenta (Lacan, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 854).

⁶ Cf. Miller, J. A. *Coisas de fineza em Psicanálise*, 2008-2009, inédito, lições I e II.

⁷ Miller, Jacques-Alain. "Introdução à leitura do Seminário da Angústia de Jacques Lacan." In: *Opção Lacaniana*, número 43. Maio 2005. "A definição da função do objeto a que busco este ano diante de vocês tende, como me observou alguém depois de meu último discurso, a se opor à concepção abrahâmica - refiro-me a Abraham, o psicanalista - que liga o objeto e suas mutações a fases. Ela [a definição da função do objeto a] lhes propõe, com efeito, por assim dizer uma constituição circular do objeto" Lacan, J. 2005, p. 320.

⁸ "Justamente no caminho da resolução desses problemas Lacan encontrou o que podemos chamar de dois novos objetos dentro da psicanálise: o objeto vocal e o objeto escópico, a voz e o olhar, que generalizam o status do objeto na medida em que não são situáveis em estágio algum. Não existe nem estágio vocal, nem estágio escópico" (Miller, J. A. Jacques Lacan et La voix, *Quarto, revue de l'ECF-ACF em Belgique*, n. 54, junho de 1994, pp. 47-52).

⁹ Nesse sentido, os termos fixação e regressão deverão ser entendidos como metáforas. Lacan prefere, por exemplo, uma "regressão tópica", ao estádio do espelho, por exemplo. Muda-se de lugar, algo foi para outra área da existência e ficou parado lá, o que não significa que se voltou ao passado (cf. *ESB*, XIV: 259 e Lacan, J. 1998, p. 574).

¹⁰ "Esse objeto é impensável, a não ser na retomada total da função do desejo a partir do ponto que, apesar de ser o último enunciado aqui, é o mais original: o objeto voz." Lacan, J. 2005: 279, ou ainda O espelho é necessário para produzir o "se ver a si mesmo", enquanto que o "se ouvir a si mesmo" já está presente no mais íntimo da subjetividade - ou, para expressá-lo como Husserl, na "presença a si do presente vivo da subjetividade" (Miller, op. cit.).

¹¹ "Porém, se bem que os sentidos às vezes nos enganem, no que diz respeito às coisas pouco sensíveis e muito distantes (...) por exemplo, que eu me encontre aqui, sentado perto do fogo, trajando um robe, tendo este papel nas mãos e outras coisas desse tipo. E como eu poderia negar que estas mãos e este corpo sejam meus? Exceto, talvez, que eu me compare a esses dementes, cujo cérebro está de tal maneira perturbado e ofuscado pelos negros vapores da bile que amiúde garantem que são reis, enquanto são bastante pobres" Descartes. *Meditações Metafísicas*. Em: *Descartes. Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1999 pag 250.

¹² cf. Lacan, J. *O Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: JZE, 1988 pag. 69-118).

¹³ Lacan, J. 2005, p. 275 e 180.

¹⁴ "Mais impressionante ainda, porém, é a relação do sujeito com sua própria fala, onde o importante é mascarado, sobretudo pelo fato puramente acústico de que ele não poderia falar sem se ouvir" Lacan, J. (1957-1958) "De uma Questão preliminar a toda tratamento possível das psicoses", 1998. Pag. 539.

¹⁵ "Que a questão de sua existência inunde o sujeito, suporte-o, invada-o ou até o dilacere por completo, é o que testemunham ao analista as tensões, as suspensões e as fantasias com que ele se depara; mas resta ainda dizer que é sob a forma de elementos do discurso particular que essa questão no Outro se articula." Lacan, J. (1957-1958) De uma Questão preliminar a toda tratamento possível das psicoses, 1998. Pag. 556.